

O LUGAR DE MACHADO DE ASSIS NA REPÚBLICA MUNDIAL DAS LETRAS

A pesquisa acadêmica sobre Machado de Assis no mundo anglo-saxão, tanto pela mão de brasileiros como José Luiz Passos, como de estrangeiros como Helen Caldwell ou John Gledson, não é fato novo; mas uma recepção recente, que podemos chamar de *extra-universitária*, indica que o autor brasileiro vive desde a última virada de século uma situação *sui generis*. Até então praticamente ignorado por esse leitor de língua inglesa, Machado de Assis parece tornar-se uma figura mais central em Nova Iorque, a nova capital da "República Mundial das Letras".¹ Cinco figuras importantes nessa cena literária começam a dar destaque a Machado a partir dos 90: são quatro de língua inglesa (John Updike, Susan Sontag, Michael Wood e Harold Bloom) e o romancista e ensaísta mexicano Carlos Fuentes, indubitavelmente membro do seletivo grupo de latino-americanos com trânsito nos meios críticos e editoriais novaiorquinos.

Além de autor respeitado (contista, poeta e romancista ganhador de dois *Pullitzer* com livros da série *Rabbit*), o recentemente falecido John Updike (1932-2009) escrevia regularmente as resenhas de ficção na influente revista americana *New Yorker*, que, apesar de mudanças recentes visando a um maior apelo comercial e dando mais espaço ao jornalismo, continua sendo reconhecida pela excelência de seus artigos, mais longos que o habitual na imprensa (a *New Yorker* é frequentemente citada como modelo para a criação da revista *Piauí* no Brasil). Updike é o primeiro a citar Machado de Assis em entrevistas e textos publicados na imprensa não-especializada, próximos do que conhecemos como crônicas, onde o autor e crítico americano faz menções elogiosas não apenas ao autor brasileiro, como também a outros latino-americanos. Um exemplo de 1987:

¹ Faço referência aqui ao livro *The World Republic of Letters* de Pascale Casanova (Cambridge: Harvard UP, 2004), que cunhou o termo e definiu a capital de tal república como Paris.

I have read quite a lot of García Márquez – and Mario Vargas Llosa and Machado de Assis. I think Latin Americans are in some way where Americans were in the 19th century. They really have a whole continent to say; suddenly they've found their voice; they're excited about being themselves and their continent and their history. And that's a great weapon in the armory of an artist, to be excited about a project.²

A literatura latino-americana aqui é vista como um todo algo homogêneo, de modo que o autor brasileiro pode parecer, a um leitor mais desinformado, contemporâneo de geração de Vargas Llosa e García Márquez, e Updike a vê como um antídoto contra a atual falta de vitalidade e a tendência a um sentido exagerado de autoimportância das letras de seu país. O encantamento de Updike com o Brasil rendeu até mesmo um romance atípico na carreira do americano, chamado *Brazil*: publicado em 1994, é uma reencenação do romance entre Tristão e Isolda, protagonizado por um rapaz da favela e uma moça da zona Sul do Rio de Janeiro, com direito a incursões pela Amazônia.³

Mas não seria John Updike, e sim a também romancista e aclamada ensaísta Susan Sontag (1933-2004) quem escreveria em 1990 um texto mais alentado sobre Machado na *New Yorker*; não na seção de resenhas, mas na *Critic at Large*, reservada para artigos mais longos (no caso, sete páginas, sem ilustrações). "*Afterlives: The Case of Machado de Assis*" ("Vidas póstumas: o caso de Machado de Assis")⁴ começa com um resumo objetivo da situação paradoxal da obra de Machado de Assis, "*whose masterpieces, outside his native country, which honors him as his greatest writer, are little known*" ("cujas obras-primas fora de seu país natal, que o honra como seu maior escritor, são pouco conhecidas"). O texto centra o foco em *Memórias póstumas*, descrito como um "*splendid conceit*" ("ideia conceitual formidável": uma autobiografia escrita do único ponto de vista ideal para dar sentido pleno a uma vida, o de um narrador defunto que faz da digressão em primeira pessoa um mecanismo sutil de controle do fluxo emocional e fonte principal do humor que perpassa todo o romance.

² UPDIKE, John. *Conversations with John Updike*. Jackson: UP of Mississippi, 1994. p. 201

³ UPDIKE, John. *Brazil*. New York: Ballantine, 1996.

⁴ Cf. SONTAG, Susan. *Afterlives: The Case of Machado de Assis*. *New Yorker*, May 7, 1990.

Essas considerações gerais sobre *Memórias póstumas* levam a crítica norte-americana a Laurence Sterne e seu *The Life and Opinions of Tristram Shandy*,⁵ gancho para Sontag inserir o escritor brasileiro numa tradição literária internacional, que ela chama de "narrative buffoonery – the talkative first-person voice attempting to ingratiate itself with the reader" (bufonaria narrativa – uma tagarela voz em primeira pessoa tentando engrajar-se com o seu leitor). Assim, Machado de Assis junta-se ao japonês Natsume Soseki (1865-1916), ao alemão Robert Walser (1878-1956), ao italiano Italo Svevo (1861-1928), ao irlandês Samuel Beckett (1906-1989) e, mais recentemente, ao tcheco Bohumil Hrabal (1914-1997), a Elizabeth Hardwick (1916-2007), a V.S. Naipaul (1932) e até mesmo à própria Sontag, todos considerados tributários do caudaloso livro de Sterne. Sontag chama a atenção para o fato de que, por motivos peculiares a cada um deles, a maioria desses autores viveram no interstício entre tradições linguísticas e literárias diferentes (Soseki, entre o japonês e o inglês; Walser, entre o alemão e o francês; Svevo, entre o alemão e o italiano; Beckett, entre o inglês e o francês; Naipaul, entre o Caribe, a Índia e a Inglaterra), sugerindo que o autor do *Dom Casmurro* seria um ser literário dessa mesma estirpe híbrida. Sontag não explica que tradições linguísticas seriam essas no caso de Machado de Assis, que viveu toda a vida no Rio de Janeiro e dominava línguas estrangeiras como vários outros autores brasileiros. A verdade é que o extenso ensaio de Sontag pretende, mais do que apresentar Machado de Assis ao público de língua inglesa, propor uma reavaliação crítica de Laurence Sterne, que, ao invés de ser visto como "an ultra-eccentric, marginal genius" (um gênio marginal, ultra-excêntrico), seria, depois de Shakespeare e Dickens, o autor de língua inglesa com maior penetração no mundo além das fronteiras literárias dessa língua e o fundador dessa linhagem literária tão fértil.

O texto da *New Yorker* termina com uma curiosa proclamação de fé em se tratando de um autor falecido então há quase um século: "with enough time, enough afterlife, a great book does find its rightful place. And perhaps some books deserve to be rediscovered again and again" (com tempo suficiente, vida *post mortem* suficiente, um grande livro encontra seu lugar de direito. E talvez alguns livros mereçam ser redescobertos várias vezes). Essa

⁵ STERNE, Laurence. *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

declaração esperançosa denuncia o terceiro objetivo do artigo: divulgar o relançamento, pela prestigiosa editora Farrar, Straus & Giroux, de *Epitaph of a Small Winner*, tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* feita em 1952 por William L. Grossman, agora com um prefácio de ninguém menos que Susan Sontag – justamente esse texto da revista *New Yorker* com pequenas modificações.⁶ Uma década depois, os textos de Bloom, Wood e Fuentes confirmariam, de certa maneira, a profecia de Sontag.⁷

De crítico respeitado na área acadêmica, Harold Bloom (1930) foi alçado a árbitro cultural a partir de *The Western Canon – The Books and School of the Ages*, de 1994, no auge da série de polêmicas entre professores e outras figuras da cena cultural americana em reação à ascendência dos estudos culturais e de gênero na academia americana chamada *Culture Wars*. Esse livro consiste de uma leitura panorâmica do que Bloom considera o centro da literatura ocidental, emoldurada por uma ardorosa defesa das virtudes do cânone contra o que ele chama de "escola do ressentimento" (justamente os então vigorosos departamentos de estudos culturais que, na profecia sombria de Bloom naquela época, reduziriam os departamentos de letras modernas ao tamanho atual dos departamentos de clássicas, nas universidades americanas). Dupla ironia: Bloom destila um sarcasmo amargo e ressentido contra seus inimigos pretensamente amargos e ressentidos e, proclamando, orgulhoso, o elitismo intrínseco da prática da verdadeira crítica literária, escreve nada menos que um raro *best-seller* sobre literatura. Em 2002, Bloom expande a ideia inicial e publica *Genius – A Mosaic of One Hundred Creative Minds*, outro panorama, com comentários ainda mais breves acompanhados de trechos de textos importantes do dobro de

⁶ Quarenta e seis anos depois da tradução de Grossman, *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi traduzido outra vez, agora com o título de *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, por Gregory Rabassa, o lendário tradutor de *Cem anos de solidão* de Gabriel García Márquez. John Gledson tem criticado de forma enfática essa tradução de Gregory Rabassa. Por exemplo, ao falar sobre o texto de Bloom, ele diz em entrevista a Schneider Carpeggiani que "Bloom começa mal, elogiando as traduções de Rabassa, o que é quase uma prova de que não as leu". Cf. ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Grossman, William L. (trad.) *Epitaph of a Small Winner*. New York: Noonday Press, 1990; Gregory Rabassa (trad.) *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. London: Oxford University Press, 1997. CARPEGGIANI, Schneider. JOHN GLEDSON: "Capitu é talvez a mulher mais ousada que Machado criou". Revista *Continente*, Recife, n. 73, Janeiro, 2007.

⁷ O ensaio seria republicado também na coletânea de ensaios de Sontag chamada *Where The Stress Falls* em 2001 (New York: Picador).

autores, cem "gênios exemplares" da literatura.⁸ A expansão do cânone para além dos limites do mundo anglo-saxão (de onde vêm mais ou menos 50% dos gênios de Bloom) traz, além dos nomes previsíveis, como Dante, Cervantes e Shakespeare ou Borges e Calvino, nomes menos reconhecidos, que recebem assim a chancela do crítico norte-americano junto ao seu amplo público leitor. Quatro nomes de língua portuguesa estão entre os cem escolhidos: Camões e Fernando Pessoa, que já apareciam em *The Western Canon*, e duas novidades: Eça de Queirós e Machado de Assis.

Bloom compõe seu texto sobre Machado de Assis (assim como os textos sobre vários outros autores distantes da sua área de especialização, a literatura inglesa) utilizando uma estratégia discursiva comum, mas engenhosa. Faço aqui uma analogia, com um exemplo hipotético: suponhamos que eu quisesse escrever um texto crítico sobre um autor tailandês que eu pouco conhecesse (tanto quanto, aliás, tudo sobre literatura tailandesa); eu definiria esse autor, por exemplo, como um "Oswald de Andrade tailandês" e articularia um discurso eloquente, espelho das minhas impressões sobre o autor e do meu conhecimento sobre Oswald de Andrade. O "Oswald" nesse caso é, mais uma vez, Laurence Sterne – e consequentemente o livro de Machado de Assis que recebe maior destaque no texto de Bloom é, outra vez, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Nas sete páginas em que discorre sobre o autor brasileiro (três delas ocupadas com longas citações de *Memórias póstumas de Brás Cubas*), Bloom não faz qualquer referência a Sontag, muito menos à fortuna crítica de Machado de Assis dos especialistas na obra (John Gledson figura aí apenas como o "bom tradutor" de *Dom Casmurro*⁹). Sobra espaço então para mais um habitual piparote no que o crítico americano chama depreciativamente de *historicismo*, para ele uma tentativa de aprisionar a justa apreciação do verdadeiro gênio literário ao nada sublime contexto em que obra e autor foram gerados. Isso ocorre porque, para Bloom, Machado de Assis é justamente a prova cabal de que a genialidade supera até

⁸ Os cem autores são organizados em grupos e subgrupos, nomeados de acordo com termos da Cabala e do Gnosticismo Hermético em procedimento de certa forma semelhante ao já adotado por Harold Bloom em seu estudo clássico *The Anxiety of Influence* (A angústia da influência). Cf. BLOOM, Harold. *Genius – A Mosaic of One Hundred Exemplary Creative Minds*. New York: Warner, 2001; *The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry*. New York: Oxford University Press, 1997.

⁹ ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. (Trad. John Gledson.) London: Oxford University Press, 1997.

o mais inóspito dos ambientes: o espírito de Sterne "*freed Machado from any merely nationalistic demands that his Brazil might have hoped to impose upon him*" (libertou Machado de qualquer demanda meramente nacionalista que o seu Brasil desejasse impor-lhe) e permitiu-lhe construir uma obra genial em pleno Brasil do século XIX, "*a kind of a miracle, another demonstration of the autonomy of the literary genius in regard to time and place, politics and religion, and all those other contextualizations that falsely are believed to overdetermine human gifts*" (675) (um tipo de milagre, outra demonstração da autonomia do gênio literário em relação ao tempo e espaço, política e religião e todas aquelas contextualizações que falsamente se crê poderem sobredeterminar o espírito humano). Outro gesto típico de Bloom chama a atenção em seu texto: com seu gosto pelos superlativos, ele declara: "*the African-Brazilian Machado de Assis, [...] to me the supreme black literary artist to date*" (o afro-brasileiro Machado de Assis, [...] para mim o maior artista literário negro até os dias de hoje). O que parece à primeira vista uma concessão a uma categoria vinda dos estudos afro-americanos se enquadra no discurso conservador de Bloom quando ele confessa ter suposto, na primeira vez em que o leu, que Machado fosse branco pela sua forma de escrever. Machado de Assis é então comparado com o escritor cubano Alejo Carpentier, que na opinião de Bloom é um branco que escreve como um negro – prova, portanto, de que as categorias raciais como tais não dão conta do verdadeiro gênio literário.

Faltava, ainda, o aval do outro grande pilar da intelectualidade novaiorquina: o *The New York Review of Books*, jornal quinzenal de resenhas sobre literatura e cultura que, desde os anos 60, congrega a elite intelectual da cidade e do mundo anglo-saxão, inclusive Updike, Sontag e Bloom (a insularidade desse meio literário já fez um crítico mordaz apelidar o jornal de "*The New York Review of Each Other's Books*").¹⁰ Em 2002 Michael Wood, inglês com formação em Cambridge e professor de literatura comparada em Princeton, resenhou para o *The New York Review of Books* quatro traduções recentes de romances de Machado de Assis publicadas pela editora da universidade de Oxford e ainda

¹⁰ *The New York Review of Books* foi criado por Robert Silvers e Barbara Epstein (com fortes laços com editoras influentes como Harper's e Random House) durante uma greve dos jornais em Nova York em 1963 (*Prodigal Sons*, 326-7).

dois livros de crítica em inglês. Um era a tradução para o inglês do clássico de Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo*, e o outro, uma coletânea de artigos de vários autores sobre o autor brasileiro, mais especificamente sobre o romance *Dom Casmurro*, organizada por Richard Graham, professor de história da Universidade do Texas em Austin, e publicada pela editora da Universidade do Texas.¹¹

Wood reafirma inequivocamente a posição de Machado de Assis como um dos maiores escritores do mundo, cercado, entretanto, por dois mistérios: um nacional e um internacional. O mistério nacional diz respeito ao salto qualitativo que marca a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* na obra do romancista – e Wood caracteriza o livro de Schwarz como uma tentativa de explicá-lo. O mistério internacional relaciona-se com o a não aceitação em larga escala da excelência de Machado de Assis fora do âmbito da língua portuguesa – uma repetição da pergunta feita por Susan Sontag doze anos antes. Wood cita uma hipótese de Gledson, de que a crítica enfatizaria excessivamente a universalidade de Machado de Assis em um romance como *Dom Casmurro*, ao invés da sua especificidade brasileira. Mas Wood não se satisfaz com essa primeira hipótese e formula outra a partir do texto de Adolfo Hansen no livro organizado por Graham: Hansen afirma que Machado de Assis constrói seu estilo a partir das "ruínas de um tempo morto". Para Wood, o romancista escreveria em sua obra provérbios benjaminianos, ou seja, ruínas de narrativas já perdidas. Mais além, esses *provérbios benjaminianos* de Machado são especiais porque particularmente conscientes dessa sua condição de resquícios de um tempo passado; provérbios que evocariam narrativas arquetípicas, portanto referentes à cultura ocidental, mais do que particularmente à brasileira. As narrativas a que se refere Wood são: o jogo entre aparência e desejo em *Dom Casmurro*, o mundo das contingências

¹¹ Cf. WOOD, Michael. "Master Among the Ruins", *The New York Review of Books*, volume 49, Number 12 July 18, 2002. ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. (Trad. Gregory Rabassa). London: Oxford University Press, 1997; *Quincas Borba*. (Trad. Gregory Rabassa). London: Oxford University Press, 1998; *Dom Casmurro*. (Trad. John Gledson). London: Oxford University Press, 1997; *Esau and Jacob*. (Trad. Elizabeth Lowe). London: Oxford University Press, 2000. SCHWARZ, Roberto. *A Master on the Periphery of Capitalism: Joaquim Maria Machado de Assis*. Durham: Duke University Press, 2001. O livro organizado por Graham contém quatro artigos: três, de John Gledson, João Adolfo Hansen, Sidney Chalhoub, sobre *Dom Casmurro* e um, de Daphne Patai, sobre as traduções de Machado para o inglês. (GRAHAM, Richard. *Machado de Assis: Reflections on a Brazilian Master Writer*. Houston: University of Texas Press, 1999).

em contraste com o mundo das ideias em *Quincas Borba* e nas *Memórias póstumas* e o paradoxo entre a necessidade e ao mesmo tempo a impossibilidade da escolha em *Esauí e Jacó*. A força da narrativa machadiana estaria em captar em pleno movimento essas formas da mudança e da diferença, reconhecíveis por todos nós em qualquer tempo e lugar. (É importante deixar claro que esse "nós" se refere implicitamente ao leitor não-brasileiro de Machado de Assis).

Aos quatro norte-americanos se soma outro nome de peso nessa República das Letras Globalizadas: o mexicano Carlos Fuentes, que publicou pelo prestigioso Fondo de Cultura Económica o ensaio "Machado de la Mancha", em 2001¹². Carlos Fuentes (1928), romancista, contista e ensaísta de renome internacional, foi um dos quatro principais autores latino-americanos alçados ao centro das atenções na Europa e Estados Unidos durante o fenômeno editorial chamado *Boom*, junto com Julio Cortázar, Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa, a partir dos anos 60.

Diferente dos exemplos já citados, Fuentes não insiste na ideia de Machado de Assis como um Laurence Sterne dos trópicos, nem segue a ideia de um narrador benjaminiano na periferia do capitalismo: insere o brasileiro (e junto com ele Sterne) em uma linhagem narrativa que começa antes, com Miguel de Cervantes, uma longa linhagem de escritores que exploram os limites da forma do romance e a relação entre ficção e vida e entre ficção e leitor. O milagre literário no caso de Fuentes é o fato de Machado de Assis assumir essa tradição cervantina justamente enquanto seus contemporâneos latino-americanos de língua espanhola adotavam o modelo do grande romance realista de costumes, seja psicológico (de Balzac) ou naturalista (de Zola), por acreditar que poderiam tornar-se instantaneamente modernos ao negar a sua tradição narrativa, "de la Mancha".

Outra vez Machado de Assis é antes de tudo o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*; livro que para Fuentes se aproxima não apenas do *Don Quixote*, mas também do que é talvez o maior romance da narrativa moderna em espanhol, o *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo. A proposição de Fuentes é particularmente interessante porque Rulfo era um grande admirador e conhecedor de literatura brasileira, chegando até mesmo a escrever um

¹² FUENTES, Carlos. "Machado de la Mancha". México: Fondo de Cultura Económico, 2001.

prefácio para a tradução ao espanhol de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1982.¹³ Machado de Assis seria precursor de Rulfo por criar, já no final do século XIX, um ponto de vista moderno, universal e latino-americano (uma modernidade, portanto, fundamentalmente inclusiva, que parte da impureza mestiça que define o continente) e seria precursor também do "Aleph" de Borges em "*el hambre latino-americana, el afán de abarcarlo todo, de apropiarse todas las tradiciones, todas las culturas, incluso las aberraciones*" (a fome latino-americana, o afã de abarcar tudo, de apropriar-se de todas as tradições, todas as culturas, inclusive as aberrações) e em seu impulso de romper, com o incidente cômico inesperado, a ideia autoritária do absoluto.

Quais as características gerais desses elogios a Machado de Assis feitos por Updike, Sontag, Bloom, Wood e Fuentes? Nenhum deles trabalha a partir de um conhecimento muito profundo da cultura brasileira em sentido mais amplo (história, literatura, sociedade, política etc.), a começar pela falta do domínio da língua portuguesa; todos partem, portanto, da leitura de traduções dos romances principais; todos (com exceção de Wood) privilegiam *Memórias póstumas de Brás Cubas* sobre o resto da obra e ignoram de maneira geral a imensa fortuna crítica machadiana; e, significativamente, todos eles, sem exceção, buscam inserir Machado de Assis em alguma tradição estabelecida, de âmbito internacional. Qual seria a outra diferença fundamental entre esses textos e aqueles produzidos por acadêmicos para publicações universitárias do Primeiro Mundo? Updike, Sontag, Bloom e mesmo Wood (que, além da admiração por Machado de Assis, têm muito pouco em comum) são quatro versões diferentes, em língua inglesa e no âmbito circunscrito de Nova Iorque, da figura do intelectual público, que não tem a voz, ainda, inteiramente confinada atrás dos muros da academia, ou seja, cujas opiniões têm, ainda, peso relativo junto ao público leitor em geral.

Seja no âmbito acadêmico ou no editorial e jornalístico, esse processo de abertura do cânone ocidental apresenta limites evidentes, uma vez que as editoras e outras instituições culturais do Primeiro Mundo continuam a dominar o processo de escolha e difusão dos autores oriundos de países em desenvolvimento. Em outras palavras, o que às

¹³ RULFO, Juan. "Machado de Assis". *Memorias póstumas de Blás Cubas*. México: SEP/UNAM, 1982. 1-4.

vezes é tomado pelos otimistas como diálogo entre centro e periferia segue sendo um par de monólogos no qual um dos lados (o centro) segue ignorando o outro (a periferia). Exemplo cabal da rigidez desse sistema é o fato de que nós brasileiros, na maioria das vezes sem sequer atentarmos para isso, só tomamos conhecimento de escritores de outras áreas periféricas que recebem a chancela de editoras e instituições culturais do Primeiro Mundo – e assim se explica outro falso mistério: a assimetria entre nosso relativo conhecimento da literatura latino-americana em espanhol a partir do tal *Boom* e o desconhecimento de nossa literatura, que passou em geral ao largo desse fenômeno editorial, apesar do esforço de figuras importantes como Emir Rodríguez Monegal nesses países.

Outro escritor latino-americano passou por tal processo de internacionalização tardia: Jorge Luis Borges, que já era um autor consagrado nos círculos literários de língua espanhola quando foi "descoberto" no Primeiro Mundo a partir dos anos 60. A crítica argentina Beatriz Sarlo, em *Borges, un escritor en las orillas*¹⁴ (justamente um livro originado de uma série de palestras dadas na Universidade de Cambridge, ou seja, para um público majoritariamente anglo-saxão), apresenta com muita propriedade os desafios de se argumentar fora da Argentina a favor da necessidade de estudar a relação de Borges com o seu país para compreender a obra do autor argentino.

Agora parece que Machado de Assis repete o caminho de Borges, embora entre os dois haja uma diferença fundamental. Borges participou ativamente do seu processo de canonização além das fronteiras latino-americanas e da língua espanhola, por exemplo, participando do processo de tradução para o inglês, viajando para palestras em universidades como Yale e Harvard e dando inúmeras entrevistas em língua inglesa, coisas que nem a imortalidade da Academia Brasileira de Letras permitiria ao autor brasileiro fazer. Não se sabe até que ponto esse Machado de Assis internacional chegará, mas pode-se prever que um autor morto – mesmo um que tenha escrito as memórias de um narrador defunto – não terá o mesmo poder de penetração em meios editoriais cada vez mais midiáticos e dominados por uma cultura corporativa cada vez mais agressiva.

¹⁴ SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2007.

O sentimento de orgulho nacionalista alimentado pelo que Nelson Rodrigues chamava sarcasticamente de "complexo de vira-lata" não deveria impedir que lançássemos um olhar crítico agudo sobre todo esse processo. Uma observação aguda do artigo de Susan Sontag merece nossa atenção nesse sentido: "*Our standards of modernity are a system of flattering illusions, which permit us to selectively colonize the past, as are our ideas of what is provincial, which permit certain parts of the world to condescend to all the rest.*" (p.108)¹⁵

Cabe mais uma vez chamar a atenção para a identidade específica do "nós" a que se refere Sontag no artigo da *New Yorker*. As categorias do moderno, do universal e do provinciano (e seus pares implícitos, o arcaico, o particular e o cosmopolita) afloram aqui como sistemas basicamente autocongratulatórios produzidos exclusivamente no Primeiro Mundo. Essas categorias aparecem em leituras de Machado de Assis não apenas no âmbito norte-americano, pois os habitantes dos minúsculos bolsões de prosperidade rodeados de pobreza por todos os lados tendem a identificar-se pateticamente com essa falsa universalidade produzida pelos espelhos de Narciso em Nova Iorque, num caso clássico de alienação.

Cabe também chamar mais uma vez a atenção para o fato de que, nos textos em questão neste artigo, o Brasil aparece, geralmente, de forma oblíqua, como um problema, uma marca de uma alteridade indesejada pelos intelectuais do Primeiro Mundo e às vezes recalcada pelos intelectuais do Terceiro Mundo. Convencidos da excelência de Machado de Assis, os críticos metropolitanos se atiram ao desafio de integrar o autor de uma língua, um país e uma tradição literária desconhecidos numa tradição que lhes seja plenamente reconhecível. Trata-se de uma vontade de identificar não a alteridade do texto machadiano, mas o que nele se pode encontrar de um reconfortante e universal *mesmo*.

Não devemos ignorar olímpicamente essa situação gerada além dos muros da universidade; primeiro porque ela não deixará de nos afetar e também porque ela nos apresenta desafios e oportunidades interessantes. Um primeiro confronto crítico entre a recepção crítica de Machado no Brasil e no exterior já foi feito por Roberto Schwarz

¹⁵ "Nossos padrões de modernidade formam um sistema de ilusões autoelogiosas, que nos permitem colonizar o passado de modo seletivo, assim como nossas ideias do que seja provinciano, que permitem certas partes do mundo serem condescendentes com todo o resto."

(crítico brasileiro que, aliás, também passa por um processo de internacionalização), e ele chama a atenção para as consequências políticas e estéticas da "falta de articulação interna, de trânsito entre a história nacional e a história contemporânea" e para o fato de que "universalismo e localismo são polos equívocos, ideologias".¹⁶ Na minha opinião, podemos ir além da mera condenação e discutir criticamente, pelo menos aqui, esse Machado de Assis internacionalizado, contrapondo a ele um outro Machado de Assis em que as dimensões plenamente integradas do universal e do particular, do arcaico e do moderno, do local e do cosmopolita oferecem um instigante desafio ao leitor, estrangeiro ou brasileiro, que precisa aprender a ler além dessas categorias para compreender melhor a complexidade de sua obra.

Paulo Moreira
Yale University
New Haven, Estados Unidos

Paulo Moreira é professor no Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. É doutor em Literatura Comparada pela Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, com tese sobre Faulkner, Guimarães Rosa e Juan Rulfo. Suas áreas de interesse são: literaturas brasileira, estadunidense e mexicana; literatura comparada; cinema latinoamericano contemporâneo; modernismo. Seu livro *Localismo modernista: Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo* sairá em breve pela Editora UFMG. Recebeu a Morse Fellowship de Yale e ocupa-se atualmente com um livro sobre as relações entre artistas e intelectuais brasileiros e mexicanos.

¹⁶ SCHWARZ, Roberto. "Leituras em competição". *Novos Estudos* 65, julho 2006, p. 68, p. 77.